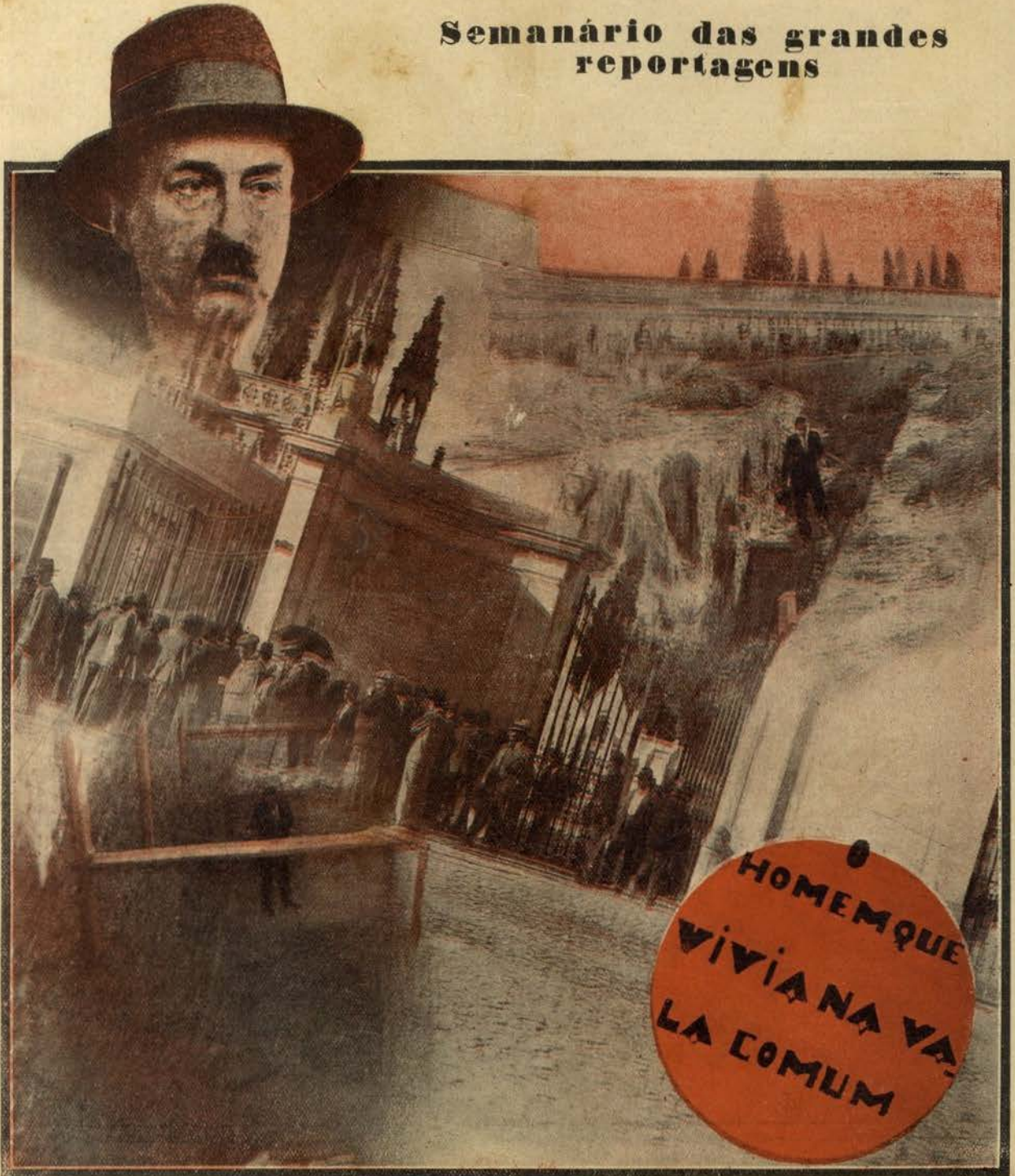


Ano II—N.º 57
5 de Setembro de 1931
Preço 1 Esc

reportagem

Semanário das grandes
reportagens



reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

Passaportes

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Tel. 762 Porto



A maravilha das grafo-
fonas, a ELECTRO-SONORA,
trabalha eléctricamente
ou por corda, motor
para 110 ou 220 «volts».

118—Rua de Cedofeita—120
PORTO

TABACARIA CENTRAL

DE

Aurélio Ferreira & C.ª, L.ª

TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS—
LOTARIAS—SÊLOS, LETRAS E PAPEL
SELADO—IMPRESSOS DA JUNTA DE
CRÉDITO PÚBLICO—JORNÁIS E REVIS-
TAS—NOVIDADES LITERÁRIAS—PER-
FUMARIAS—ARTIGOS DE ALTA NOVI-
DADE

19, Praça da Liberdade, 20—PORTO

TELEFONE, 258

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.
Constatará que é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa, e sem auxílio de ninguém, resti-
tuir a côr natural aos cabelos em **15 minutos**.
E êles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guem conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—
Telefone 2 1415—Agente no Porto—A.
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

CYMA

Se V. Ex.ª tem de presentear alguém,
deve lembrar-se que um relógio
desta marca, é o melhor presente
que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS
RELOJOARIAS E OURIRESARIAS

ABC

A revista portuguesa mais antiga e de maior expansão
Actualidades gráficas do país e do estrangeiro
24 páginas de texto e gravuras
Preço avulso 1\$50
Rua do Alecrim, 65—LISBOA

Carta Aberta em resposta a vários leitores desconhecidos

MEUS amigos: Possivelmente os senhores não se conhecem entre si — embora um grande número viva sob o mesmo céu. E contudo deviam conhecer-se porque hoje — mais do que nunca — os homens de bem necessitam sindicarse na amizade, para se esterilizar a ignominia intoxicante e epidémica da época em que vivemos. E se lhes respondo, a todos, com uma só carta, atlando-os no meu coração e conjugando-os sob o mesmo rótulo de tratamento: «meus amigos», é porque a amizade não provém apenas do convívio directo e longo. Quantas vezes detestamos com um rancor forte — e lúcido — indivíduos que apenas se acercaram de nós através a notícia reveladora de uma infâmia?! Quantas vezes entaçamos à nossa alma, num fraternal afecto, outros indivíduos que só conhecemos pelo eco de um facto sublime — ignorando se são altos ou baixos, aleijados ou esbeltos?! Esse Zola levantino que era Blasco Ibañez disse-me um dia, em 1921, quando o entrevistava no «Ritz» de Barcelona: «Amo Cervantes com um amor mais enraizado, vivo e directo, do que a alguns parentes meus, com quem lido desde pequeno!» Provada está, pois, a sinceridade com que vos trato de «meus amigos»...

As vossas cartas comoveram-me. Farto de chapinhar estes lodaçais da hipocrisia, dos ódios mesquinhos, das intrigas retes — as vossas cartas lavaram-me a alma, com o sol da vossa honradez, com o ar puro da vossa saúde moral. Não me conhecem; nunca me viram; nunca lhes prestei um favor; é possível mesmo que as nossas estradas da vida sejam por tal forma divergentes que não permitam jamais um cruzamento. Eu sou para os senhores apenas umas folhas de papel linotipadas onde lêem o que penso, o que sinto e o que escrevo... Pois bem... Enquanto alguns cavalheiros que me conhecem de perto, que sabem positivamente de que material é feita a minha alma e por quem (por muitos) me tenho sacrificado generosamente, me esfaquelam nas esquinas sombrias — os senhores vêm, numa espontânea indignação, prestar-me justiça. E' consolador, creiam...

Agradeço-lhes a saborosa emoção que me proporcionaram. E já agora, respondo à ausência de todas as vossas cartas com uma

Homens & Factos do Dia

só palavra: «Sosseguem!» A infâmia a que se referem não tem a menor gravidade. Existem verdades abateadas, camoufêes, difíceis de distinguir sem radiografia — quando os falseadores as encascam com a lama que arrancam das próprias entranhas. Outras são tão luminosas que os seus raios transparentam todas as calúnias — mesmo as mais opacas. A mentira monstruosa e consciente que evocais esfarea-se sob o próprio péso da sua monstruosidade. Um pouco mais leve, mais sinuosa, mais inteligente — e já podia burlar a boa fé dos ingénios. Assim — não engana ninguém...

Vejam — exemplificando uma hipótese. Suponhamos que num tribunal em que se julga um indivíduo que vos está ligado pelo dogma do parentesco, inimigos vossos, e os próprios juizes, declaram lealmente que os senhores nem directa nem indirectamente intervieram no delicto em julgamento; que o ignoravam até; que têm provas de que os senhores são homens insuflavelmente honrados, e que a investigação da causa demonstrou que o delicto fora cometido em 1927, quando só em 1931 ele podia ter-se reflectido sobre vós... Tudo isto é declarado publicamente, em alto e bom som, pelo acusador particular (o acusado, hein?), pelos juizes, ante uma sala apinhada de curiosos, ficou escrito, chancelado, assinado. Os senhores, que tinham já como garantia eloquente da vossa consciência o facto de nunca terem sido incomodados durante o inquérito judicial; de nunca terem sentião sobre as vossas cabeças a menor suspeita dos investigadores, em posse total da verdade, sintetizam estas afirmações, publicam-nas no vosso jornal. Ora declarações destas não se escrevem, não se publicam, desafiando juizes e inimigos, quando são inventadas! Além disso, quem não ouviu, quem não leu — se tem dúvidas deve ir honradamente ao tribunal consultar o processo, o que está ao alcance de toda a gente... Pois bem... Se depois de tudo isto surgisse um miserável que ousasse — com incrível impudor — afirmar publicamente o contrário, que diriam os senhores? Respondiam-lhe jornalisticamente? Nunca! Este crime é dos que não podem ser castigados com uma chicolada de prosa — porque o infame que o comete e que usa de tais processos não tem epiderme digna para eu lhe estalar na cara um artigo dos meus. O pé de cabra que já uma vez o ensangüentou é a única arma com que se deve estigmatizar.

Que o desmascare no meu jornal — pedem-me alguns dos senhores! Pelo amor de Deus! Eu tenho a consciência exacta das fronteiras da dignidade jornalística — porque sou, de facto, um jornalista! Fantasieemos que amanhã, numa rua

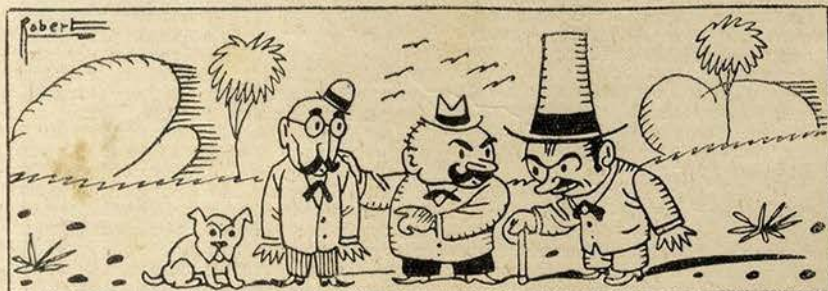
sombria, sou assaltado por dois larâpios que, dum golpe imprevisto, me escamoteiam o relógio. Que devo eu fazer, nestas circunstâncias? Correr à minha gazeta e metralhar esses larâpios com uma campanha chamejante? Seria demasiado ingénio... O que faço, sim, no caso de não ter podido sovar os assaltantes pela velocidade da sua fuga (ou pela distância em que me encontro, que é o meu caso agora) — é queixar-me à Policia. O que diriam os meus leitores se eu gastasse prosa com «apaches» que me roubassem a carteira!

Que o roubo dum carteira está muitos graus acima da calúnia do cavalheiro em questão...

Mas, meus queridos amigos, outro motivo existe para eu sentir por esse chantagista profissional o mais agoniado dos desprezados. Querem saber qual foi o fôsjoro que incendiou esse ódio tóxico que o leva ao disparate gravíssimo de falsear verdades insofismáveis? Pois deixem-me contar-lhes uma história... Existem, em todas as cidades, uns chantagistas que em vez de usarem como gazua o negócio de cartas comprometedoras fundam um jornal. Fazer um jornal está ao alcance de toda a gente — até dos chantagistas analfabetos. Mas o facto de se possuir ou de se escrever num jornal deste quilate não significa que se é jornalista, pela mesma razão de que quem tem um fonógrafo, uma pianola ou um aparelho de T. S. F. não é artista musical embora faça música... Um dia trocei de um sujeito meu conhecido, que julgava que certo chantagista deste género era de facto, jornalista. Expliquei-lhe então que, para ser jornalista, é necessário um mínimo de virtudes intelectuais e morais de que ele nem ao de leve dispunha. Intelectualmente — bastava a sua linguagem de arriero para o expulsar das colunas do mais plebeu dos pasquins. Moralmente — éte próprio se diagnosticaria. Sendo o que os franceses chamam, com desprezo, um «côrvor», ou seja um vampiro da miséria, o violentador de pagamentos de dívidas a tanto por cento fundara o seu jornalico para estrangular os que, por fatalidade, não podiam pagá-las. E o seu impudor atingia o desafio de escrever nas suas páginas o seguinte: Aqueles a quem convidamos discretamente a pagar as dívidas de cuja cobrança estamos encarregados, que vão CRAVAR OUTR! PARA AS LIQUIDAR (TEXTUAL) porque, do contrário, atacamo-los neste jornal, publicando os seus nomes e dando-lhes cabo da reputação. Como se pode admitir que um jornalista se especialize e especialize o seu órgão nestes assuntos? Era lá possível que se fundasse amanhã uma gazeta com o objectivo de denunciar os indivíduos que andassem com as camisas remendadas — para obrigá-los a comprar roupa nova em determinado loja, por conta de quem o director escreve? Mesmo que essa obra de cobrador feroz fosse admissível na imprensa — que não é —, o que a tornaria imediatamente nauseabunda era o facto confessado de que o seu autor vive dos tantos por cento que recebe sobre o dinheiro que arranca sob ameaças de escândalo... Chantage é vocabulo francês. Folhei-se o Dicionário Ben-sabat, pag. 143, e acha-se a seguinte definição: «Chantage — processo criminoso de se alcançar determinado fito por meio de ameaças de revelação pública, etc., etc. Está previsto na lei como delicto gravíssimo, mesmo na hipótese de que a revelação seja verdadeira.» Ora não é preciso ser Salomão para se concluir que o tal cavalheiro não tem categoria moral nem intelectual para ser jornalista — e não o é! Um dia, quando algum o troçava, aconselhando-o a escrever em linguagem decente, o cavalheiro protestou: «Não digas isso! Eu sou um jornalista da tèmpera de Homem Cristo, pai!» Pobre pateta! Como se o arrôdo do bêbado, só porque é ruidoso, fosse igual à eloquência violenta de

(Continua na pag. 13)

HERDEIRO... À FORÇA...



- E' verdade que morreu tua sogra?
- Sim.
- E que te deixou ela?
- Sua filha...



Raul Pereira, filho do pintor portuense Ramos Pereira, actualmente em Buenos Aires, e inspirador da actual reportagem

RASPUTINE, o «pope-maldito», como o estigmatizaram, foi o archote humano que incendiou a fogueira que ainda hoje crepita na Rússia, pulverizando em cinzas os alicerces duma sociedade bem cimentados pelos séculos! Foi ele o inspirador de todos os crimes, de todas as violências que o Império cometeu contra o povo. Foi ele quem escancarou a bocarra da Revolução que havia depois de tragar, de uma só garfada macabra, toda a família imperial e os seus fiéis. E ao clarão dessas labaredas gigantescas

a sua enigmática e sinistra figura dilata-se, luminosa, vermelha, como um jacto de sangue que manchasse o horizonte. Nem Machiavel, nem o Duque de Benoit, nem Pedro III, nem os Bórgias, nem Yvan hão-de perdurar na história das incarnações de Satan como este Rasputine! Os seus bruxedos escrivizaram, até à deshonra mais impúdica, as famílias mais nobres da aristocracia russa, que ele hipnotizava até ao fanatismo. Graças aos seus *faktrismos* inexplicáveis, tornou-se um senhor absoluto desse mundo que é a Rússia, traquinando com a alma dos *tzares* e com a vida do povo como um *jongleur* diabólico. E tanto assim que não foi o povo quem o assassinou. Ao povo, pelo contrário, convinha que vivesse, como prova real das suas razões contra o Império e como fim de ódios contra os tiranos...

O príncipe Yossouppoff, aparentado, pelo lado da esposa, com a família imperial, reuniu, em conjura, os mais nobres senhores da corte e proclamou a necessidade inadiável, irremediável, de arrancar os *tzares* da beira do abismo que estava prestes a sorvê-los. Esse abismo era Rasputine. Enquanto não o apagassem da vida como se apaga um traço a giz da ardozia, a pátria estava possivelmente ameaçada, e a pátria para Yossouppoff e seus conjurados cifrava-se nos imperadores, no Império, em todo o dinamismo social que lhes permitia serem príncipes, milionários, felizes, acalentados pelos rituais da tradição secular, sem trabalho nem preocupações... Salvando os *tzares*, salvavam-se a eles, mas para isso não deviam perder um só minuto, porque do contrário arriscavam-se a apressar a trágica apoteose. Fixou-se uma data, um local, um plano, uma hora. Armou-se uma cilada e o «monge-safânico» veio pelo seu pé, espontânea e confiadamente, até ao patíbulo, uma cave sumptuosa, célebre pelas ceias que nela se realizavam, atapetada com macios tapetes da Mongólia, transbordante de *mapples* e quadros magistrais. Foi a gula, a sensualidade boçal e sôfrega, o vício dos vinhos preciosos que o perderam... O príncipe Yossouppoff convidara-o a uma noite na seu palácio de Moika, em Petrogrado,



Rasputine, o «monge-maldito»

aguando-o com promessas de guloseimas raras, vinhos valiosos e mulheres estonteantes... O príncipe conhecia bem o monstro, e excitou-o, dizendo-lhe: «Hás-de provar um vinho com que me presentearam, um vinho do Porto, velho, de século e meio, néctar digno do paladar dos deuses!»

E esse vinho era vinho do Porto, a grande paixão de Rasputine. Ao bebê-lo, começou a tragar a sua própria morte, porque estava envenenado! Foi, pois, graças ao nosso «Porto» que esse «pope-maldito» pagou os seus crimes, e este facto é-nos garantido, em referências especiais, por todas as narrativas que depois se fizeram da tragédia, desde as reportagens emocionantes de Joseph Kessel (1920) e Peter Orlac (1923), até às confidências do ex-agente da policia da Okrana (espécie de «Intelligence Services» do Império), S. Bariloff, publicadas ultimamente no «Police-Magazine», e nas do próprio assassino, o príncipe Yossouppoff, actualmente modisto na Rue de la Paix, em Paris. No seu livro de confissão, saído em 1922, Yossouppoff conta (pag. 87): «De todos os preparativos para a execução do fático monge aquele que mais nos preocupou foi o da aquisição de vinho do Porto, que só um ou dois comerciantes possuíam em Petrogrado, devido à guerra, e o que havia ou era uma grosseira falsificação ou pertencia a uma categoria vulgar e pobre. Ora Rasputine — sabia eu — amava o Porto quasi tanto como ao «wodka», e precisamente por causa da sua raridade, a promessa de umas garrafas desse vinho não o deixaria faltar à ceia combinada. Mas ele era entendedor e não se podia burlar o seu paladar com qualquer imitação réles. Além disso era indispensável a sua boa qualidade para resistir, sem o almar, à mistura do tóxico fulminante que tínhamos comprado com esse objectivo. Felizmente, na ante-véspera do drama consegui não só um bom «Porto» mas também um «Porto» excepcional, precioso como oiro líquido. Foi por um mero acaso.»

Um mero acaso — escreve o príncipe —, mas não o esclarece nem o detalha. Pois bem: foi um português quem forneceu o «Porto» para a tragédia, um português que ninguém evocou ainda e que, por um mero *acaso* também, se desempastela agora da sombra de onde se ocultou até hoje... para surgir nesta já longa galeria de revelações sensacionais que é o *Reporter X*.

Antes, porém, de abrimos o interruptor para se iluminar esse inédito esconso do drama, e para mais fácil visão conjunta dos acontecimentos, somos obrigados a esquivar a figura deste monge hediondo — comprimindo em poucas linhas a sua vida e a sua morte.

Nascido numa recôndita aldeia siberiana, das que formam a corografia mestiça da imensa Rússia

RASPUTINE, envenenado com vinho do Porto fornecido por um português

e onde os últimos afluentes do sangue europeu são embebidos pelo sangue asiático, Rasputine foi sempre, desde a puberdade, um gigante de cilíndrico arcabouço, senhor dum sistema muscular que lhe estorvava as roupas à menor contração, peludo num exagero de orangotango, a grenha caída até à nuca, a barba, emaranhada e densa, avultando-lhe quasi o vasto peito. Não se sabe ao certo se ele chegou a professar — e, pelo contrário, cochichava-se que tendo sido apenas sacristão na igreja do seu povo, o sacerdote o expulsara, pasmado com a audácia com que ele, desrespeitando a casa de Deus, a usava para cometer toda a casta de violências e de façanhas indignas. Portanto, a primeira falsidade deste homem era o seu próprio título de *pope* e de *monge*, recebendo d'ele próprio as ordens que a Igreja lhe negara. O que se torna incontestável é o seu poderio psíquico, a brutalidade da sua energia moral, só comparável à sua força física e à resistência sobrenatural do seu corpo. Pobre daquele sobre quem ele desflechava o seu olhar, premeditando apossar-se da sua vontade. Conta-se que, moço ainda, assaltara em pleno sono a mais pura e honesta jóvem da aldeia e, pela mais execranda das violências, a maculara para sempre. Durante dias a vítima cambaleara, trôpega e inconsciente, pelas ruas; por fim, numa súbita exaltação, invadiu o casebre de Rasputine, empunhando uma lâmina, e, aproveitando-se como ele se aproveitara, estripou-o numa fúria... bem siberiana, retalhando-lhe os intestinos, desventrando-o até o deixar como morto, num charco de sangue. Como a repulsa pelo monstro era geral e ele só pelo terror



Herculano Lobato, que ofereceu o «Porto» ao príncipe Yossouppoff

dominava, ninguém lhe acudira e todos o abandonaram. E quando, 24 horas depois, o julgavam no início da decomposição, Rasputine ergue-se, aos tropeções; é próprio administradora os primeiros tratamentos; e, enfaixado em trapos sujos, foi, pelo seu pé, até a casa do médico, onde acabou de se curar...

Ambicioso, sôfrego de todos os prazeres, sonhando com um triunfo máximo, resolveu encaminhar-se para a grande capital, Petrogrado, em cujas entranhas se guardava tudo quanto ele fa-rejava... Não levava outro plano de assalto do

MISTÉRIOS

O TEATRO BAQUET?

TER X» CONSEGUE PROVAR QUE HOUVE
SACIONAL DUM DOS INCENDIÁRIOS

facilitado a propagação do incêndio e aumentado o número das vítimas, o governador civil do Porto, dr. Albino Montenegro, pouco depois falecido, nomeou uma comissão encarregada de vistoriar os nossos teatros, tal como sucedeu em nossos dias, depois da catástrofe do Novedades, de Madrid.

«Em tódos eles — conta-nos Sousa Rocha — fôram consideradas imprescindíveis umas certas e determinadas obras e medidas e muito principalmente no Baquet, que a referida comissão chegou a condenar, achando mais acertado que este teatro não voltasse a funcionar do que nêle fossem introduzidos os melhoramentos apontados. Pois, apesar de tudo isto, os teatros abriram as suas portas ao público sem que as obras con-



O interior do Teatro Baquet, depois do incêndio

sideradas urgentes e imprescindíveis fôsem feitas».

Um mês antes do incêndio, o jornal de crítica *O Sorvete* comentava: «Baquet. — Continua a funcionar... até que haja um sinistro como o da *Comédia Francesa*, em Paris».

Isto foi em 5 de Fevereiro; em 21 de Março dava-se a catástrofe.

* * *

Quando se deu pelo incêndio, que se manifestou no palco, o público, numa precipitação louca, atirou-se desordenadamente em direcção às portas da sala, daí às varandas, onde muitos se lançaram para as ruas de Sá da Bandeira e Santo Antonio, ou para as portas de saída, de roldão pelas escadas... No início do pânico, a luz apagou-se em tódo o teatro. Só as colunas de fôgo crepitantes alumiam trágicamente caminhos desconhecidos e falsos, verdadeiras ratoeiras que conduziã à morte. E a multidão

amalgamava-se, atropelava-se, caíam uns sôbre os outros e, abafados, em posições horríveis, para ali ficavam, corpos sôbre corpos, aos montões, entregues ao pasto das chamas... Depois há uma ordem sêca, desesperada. Os que, por dever ou espirito de solidariedade, arriscavam a vida para salvar as alheias, fogem para a rua. Já dar-se a horrível derrocada... No dia seguinte um montão de destroços... e nada mais...

* * *

O incêndio do Teatro Baquet foi casual? A sua má construção não consentiu que o incêndio fôsse extinto; as péssimas condições de saída deram a nota horrorosa da catástrofe. Mas a bambolina por onde o incêndio começou foi incendiada por uma gambiarra de gás ou uma mão criminosa lhe lançou fôgo? Era o Teatro Baquet o único que estava em condições de não funcionar? O relatório dos técnicos, a que a tragédia deu razão, obedecia apenas à defesa do público ou tinha, a par dessa, outra finalidade, a de fechar êsse teatro?

Série de perguntas é esta a que é delicado responder a tantos anos dum facto que apaixonou a opinião pública da época e que hoje vive apenas, como recordação de saúde, na alma dos que descendem das pobres vítimas. Estas notas, que procuram despertar um pouco de interesse na recordação da grande catástrofe, temos de reuni-las, seleccioná-las, pelas recordações dos que à tragédia assistiram.

— O incêndio do Baquet não foi casual. O teatro estava condenado pelos peritos, é certo — diz-nos um sobrevivente. — Mas é preciso collocarmo-nos dentro do espírito da época para compreender que, contra a opinião dos peritos, uma corrente de opinião se levantasse, pedindo a abertura do Baquet, e tendo-o conseguido. Ora ouça, e tire do que a minha memória conseguiu reconstituir as deduções que entender. O Baquet tinha inimigos. Um poderoso inimigo, vizinho de ao pé da porta, movia poderosas influências para que fôsse fechado. O relatório dos engenheiros veio dar-lhe a vitória. Gomes Fernandes, estando de acôrdo com os peritos, apresentou, no entanto, a sua opinião de que

(Conclui na pag. 14)

AL CAPONE

O «tzar» do banditismo americano é hoje o maior vendedor de bebidas clandestinas em Hollywood — nas em Hollywood —

AL Capone, o «tzar» do banditismo norte-americano, é, como se sabe, um dos maiores negociantes de bebidas clandestinas na America. A «lei sêca» tem sido para êle um estupendo negócio. Por isso é um dos defensores mais entusiastas dessa lei.

Não contente com a enorme co-



lheita dos seus negócios ilegais em Chicago, Al Capone resolveu estender a sua actividade a Hollywood, a cidade do cinema. E' curiosa a maneira como o bandido logrou açambarcar quasi tódo o negócio de bebidas clandestinas da «Cinelândia». O método empregado para a conquista daquêl mercado tem na America o nome *muscling in* (entrar à força de músculos) e consiste no seguinte:

O grupo de Al Capone instalou-se em Hollywood e sugeriu «diplomáticamente» os preços das bebidas aos proprietários dos *bars* clandestinos. Cada proprietário recebia confidencialmente uma proposta pouco mais ou menos nestes termos: «Você compra-nos as bebidas. Se fôr preso arranjar-lhe-emos o dinheiro da fiança. Dar-lhe-emos também a nossa protecção caso se estabeleça luta com os seus concorrentes. Se a nossa proposta não lhe merecer interesse, abriremos por nossa conta um *bar* competindo consigo a preços baixos, até forçá-lo a abandonar o negócio.»

Desta maneira «gentil», Al Capone apoderou-se de 75 % do negócio de bebidas em Hollywood. Dentro em pouco êle elevará o preço das bebidas, porque, sem concorrência, procurará as altas e baixas naquêl mercado, segundo o seu capricho.

Os segrêdos da "Mão Negra"

Prossegue-se na revelação do estranho ritual dos filiados na Camorra, — a mais poderosa organização de bandidos dos últimos tempos —

(Continuação do número anterior)

A aproximação da hora da sessão, o Camorrista de Dia tira todas as armas dos camaradas, sendo de seu dever abandoná-las enquanto durar a reunião, guardando-as em local seguro arranjado para esse fim. Quando se dissolve a sessão, o Camorrista de Dia, a fim de evitar qualquer confusão, apanha as armas que estão à sua responsabilidade e pergunta: — A quem pertence esta arma? E vai-as restituindo conforme os dados se vão acusando.

O CRIME DE BURLA E O SEU CASTIGO

Aquela gente, profissional do crime, que vive unicamente para o banditismo de toda a espécie, considera a burla crime imperdoável — a burla feita à organização da «Mão Negra». Um sócio não tem o direito de esconder a importância da Camorra (roubo) que obteve ou ficar com uma simples moeda dela.

A Filial castigará o Camorrista que cometer crime de burla, forçando-o a pagar uma lira por cada vintem e, em caso de reincidência, a ser morto pelo código da navalha.

O código da navalha é o castigo aplicado ao sócio que deve ser anavalhado até morrer. O Chefe dá a primeira facada apontando ao coração, e os restantes sócios, cada um por sua vez, anavalham o culpado. Quasi sempre morre à primeira navalhada do Chefe. No entanto, para que a sentença se cumpra até ao fim, mesmo que o sócio já esteja morto, os outros persistem em anavalhá-lo por sua vez.

AS RELAÇÕES DE SOLIDARIEDADE ENTRE OS «CAMARADAS»

Os Camorristas devem estimar-se mais do que irmãos. Devem respeitar-se mutuamente. A inveja não pode existir entre eles.

Dentro do seu círculo social, os sócios devem abandonar todos os títulos e tratarem-se por «camarada» Fulano, sem olhar a se é fidalgo fóra do círculo.

Se houver questões ou mal entendidos entre camaradas, o Camorrista de Dia é obrigado a comunicá-los à Sociedade, que deliberará sempre em última instância.

Havendo graves dissidências, que aliás

não devem produzir-se entre camaradas que realmente acatam os princípios da Camorra, quando a Filial não puder resolvê-las amigavelmente, será escolhido um local apropriado onde os dois defenderão os direitos à navalha. É uma espécie de duelo.

Cada um dos contendores será as-



Uma proeza dos Camorristas

sistido por dois segundos. (Todos aprendem a esgrima da navalha, sendo as armas de lógo consideradas cobardes).

OS DEVERES DO PICCIOTTO

O Picciotto di Sgarro, quando estiver na prisão deve, todas as manhãs, preparar a *toilette* do Sábio Mestre, e à noite arranjá-lhe a cama com esmero, pois o Picciotto de Dia e o Camorrista inspecionarão minuciosamente o seu trabalho.

Ambos devem manter a ordem e ver o que se passa na prisão, fiscalizando os jogos de azar, evitando discórdias e, todas as manhãs, comunicá-las aos bur-sars. Estes, por seu turno, comunicá-las aos seus chefes, que por sua vez dão semanalmente conhecimento à sua gente de todas as notícias.

Quando há assunto urgente, convoca-se uma sessão extraordinária.

MODO DE RECONHECIMENTO

Se um Camorrista estranho deseja ser reconhecido em qualquer cidade onde exista uma filial da Sociedade, basta-lhe procurar o Camorrista de Dia e mostrar-lhe as suas credenciais, dizendo:

— Leve como notícias do dia ao seu

(Continua na pag. 15)

A INDUSTRIA DOS RATOS?

Reportagem verídica sobre uma casa no Alto do Pina onde se dão muitos bailes e em cujas caves se criam centenas de roedores

Não existe nenhum lisboeta que desconheça essa figura típica, do elenco caricatural cittadino, que foi o «Luciano das Ratas». Experimentado turista das entranhas subterrâneas de Lisboa, viajava pelas tripas labirínticas da capital, mergulhando até ao joelho nos lodaçais perpétuos e agonizantes dos canos de esgôto, caçando ratas com a perlicia e a altivez dum caçador que nas Áfricas fuzilasse leopardos ou zebras. Profissional dum *métier* excêntrico e sem concorrentes, o «Luciano» não só conseguira um jornal quantioso para a sua modéstia de operário, havia semanas que o seu estendal de roedores mortos lhe era pago, ao balcão do Município, por vinte e trinta mil reis, quando o dinheiro tinha valor... equitativo, como o aureolara de tal fama e popularidade que a sua presença, obrigatória em cortejos e solenidades públicas, era acolhida por muitos dedos espetados, murmúrios de admiração e até aplausos, como um herói idolatrado pelo povo.



Um dia «Luciano das Ratas» deliu-se, sumiu-se, sem deixar rasto, sem substitutos... Durante algum tempo e espaçadamente, houve quem perguntasse — numa súbita lembrança: — «É verdade? E o que foi feito do «Luciano das Ratas»? Ninguém sabia elucidar os vagos curiosos, que desistiam logo da sua curiosidade. Há mais de vinte anos, seguramente, que esse «tipo» se apagou do friso da popularidade onde se destacava...

Há pouco tempo, estava eu num café excêntrico, dêsse cafés que são a nota mais eloquente do contágio *da city* nos bairros ex-tranquilos, afastados e provincianos de Lisboa, beberricando cervejas com dois habitantes dêsse mesmo bairro. E um dêles disse-me:

— A Estefânia, Almirante Reis, o Bairro dos Açores, o Alto do Pina, toda esta zona era, ainda há quinze anos, uma aldeia fronteiriça da capital. Hoje é tão cidade como o resto da cidade. Tem cafés, cinemas, restaurantes, «taxis» — e até... *mistérios*. Tu vêes aquela família que abançou aquela mesa?

Contorcionel o pescoço para a observar discretamente. Era um sujeito de meia idade, olhos bugalhudos quasi a saltarem das órbitas, uma matrona de selo volumoso e ar berrante de *madre* de zarzuêla, e duas pequenas roliças, picantes, pintadas e sófregas de olhos tenorianos. O meu companheiro prosseguiu:

— Vivem no Caminho do Alto de S. João e próximo do cemitério. Começaram por ser inquietos numa gaiola que tremia ao menor vento... Compraram a gaiola e os terrenos à volta, construíram uma casita decente, têm jardins e vivem como é raro viver-se em Lisboa. Do pai e da mãe contam-se táras monstruosas, mas isso é lá com eles. O que sei é que poucos pais dão às filhas as liberdades para gozarem a juventude que eles oferecem à prole. Rara é a noite que a salêta do rés-do-chão não se enche de rapazolas, mais ou menos pretendentes... passageiros das filhas e de mocinhas estouvadas que tocam gramofone e planola e ballam e bebem Porto e comem pastéis em abundância. E estes festins duram até de madrugada. São conhecidíssimos em todas estas redondezas...

«O seu *mistério* nasceu das despesas, cada vez maiores, que representam o programa esturdido da sua existência — e da aparente falta de fortuna e

de trabalho do chefe da família, ainda há poucos anos pobre e bruscamente habilitado aos gastos quantiosos que exhibe. Uma noite, o meu amigo Z..., estudante militar, foi lá levado por um camarada e acolhido com entusiasmo pelas pequenas. Ballarico, cela, vinho, muito vinho — até que a mamã, mais insaciável do que todos os presentes, veio anunciar que se esgotara o fornecimento do Porto da sala de jantar. «Vai à cave!» — disse-lhe o marido, dando-lhe as chaves. E a seguir, esbugalhando mais ainda os olhos do que o habitual, numa expressão grave, avisou: «Mas faz-me o favor de téres cuidado e de fechares bem as portas».

«O tom em que isto foi dito impressionou o meu amigo, que não se deixara atontar como os outros... Ouviu ranger de chaves; sentiu uma imprevisita corrente de ar gelar-lhe o rosto; e pouco depois surgia a dona da casa com novo fornecimento. Eram duas da manhã — recorda-se êle; e ás cinco, quando a mamã, perdendo os últimos batons da sua falsa seriedade, canceava com os convivas, ante as gargalhadas tolerantes do espôso, e as filhas se empoleiravam nas cadeiras para fazerem brindes fantásticos — uma das mocinhas, que comparticipava da festa, perfurou a gritaria com um grito de terrôr.

— «O que foi?»

— «Um rato!»

«Não era um rato! Eram muitos ratos! Alvorço, pânico, berreiro, correria, debandada geral, portas que batiam com estrépito; e quando o meu amigo, mais calmo do que todos, pôde medir bem a sua situação, estava sosinho na sala, fechado à chave, e dezenas, talvez centenas de ratos cruzando-se em todas as direcções, trepando aos móveis, numa fúria de pequeninas fêras esfomeadas. Quando saiu — disse-me depois — tinha a impressão que vivera um pesadelo horrível. Recordo-se apenas que ninguém lhe apareceu para o acompanhar à porta, e que dum dos quartos vinha a voz colérica do dono da casa, berrando: «Imbecil! Bebeda! O que vai ser de nós — se eles contem lá fóra o que viram! Eu bem te preveni que fechasses a porta!» E em ritmo com a pregação do marido — a espôsa gemia e guinchava, na toada de quem está sendo lategado...

— E o que concluis daí? — Indaguei...

— O caso constou... — concluiu o meu informador, sorrindo. — Houve um operário que tinha trabalhado na construção do prédio, que uma noite, bem bebido numa taberna do bairro, confidenciou ao indiscreto que lhe pagava os copos que o chefe da família mandara cavar uma escada tão funda que era impossível que não fosse dar aos canos; e que, para que êle e outros nada dissessem, todos os meses iam receber, a certo sitio, uma gratificação. Mais tarde contou que a fortuna da família vinha da sociedade que tinham num negócio de... embutidos... Liga agora os factos, se quiseres...

Contorcionel mais uma vez o pescoço... A família lá estava — a mamã pintadíssima, o papá de olhos bugalhudos, as meninas, roliças e picantes, fitando-nos, todos êles, numa expressão angustiosa, como se temessem que nós tivéssemos adivinhado o seu segrêdo...

R. X.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Nº excelente volume de «Memórias» de Dom Tomás de Melo Breyner, há pouco publicado, fala-se a páginas 358-359, como já noutro artigo salientei, num célebre coveiro de Mafra — o Zé Gago — «homem andrajoso, horripilante, nojento, macábro, tatebitate difícil de entender, velho, corpulento, mas alcachinado, braços longos como os gorilhas, terminando por mãos ossudas. Usava suíças brancas e era desdentado.»

Estes traços com que Dom Tomás me reaviva a memória sobre a figura exótica do repelente coveiro da minha terra, são flagrantes de verdade. São rigorosas de expressão. Estou a vê-lo á distancia de quasi quarenta anos. Morava o homem no «Caminho da Força», á Quinta do Dr. Azevedo, numas casas abarracadas, sem janela para a rua, e servidas por uma porta estreitíssima e baixa. O Zé Gago era realmente corpulento e alto e para entrar em casa tinha que se curvar muito mais do que já era. Feiíssimo. Não há mesmo palavras que pintem este Quasimodo mafrense. Não me lembro de conhecer, nem antes nem depois dêle, figura de mais repelente fealdade, a não ser a mulher, que ainda conseguia — Deus do Céu! — ser mais feia do que o marido. Ela e êle pareciam duas figuras arrancadas pelo lapis de Doré ás paginas da Divina Comédia. Se o Zé Gago era uma caveira ambulante, a mulher era a expressão viva daquelas bruxas lendárias que preenchem os contos das lareiras aldeãs em noites de invernia. Os olhos hostis, chispantes, ora pareciam os de uma hiena, ora os de uma coruja. Quando, aos domingos de tarde, se sentavam os dois á porta do pardiêiro, êle numa grande pedra que talvez ainda lá esteja, e ela num môcho pequeno e baixo que desaparecia sob a roda das saias, infundiam pavor a quantos por ali passavam. A mulher chamavam-lhe a bruxa da Força. Era má, rançosa, intratável. Nem um nem outro convíviam com a vizinhança, que os detestava. Os garôtos, sempre que podiam, corriam-nos á pedra. Zé Gago vingava-se quando adregava de pilhar algum portas a dentro do cemitério.

Diz Dom Tomás que o Zé Gago «tinha o mais profundo desprezo pelos desgraçados enterrados em simples caixão de madeira, de corpo á terra ou na vala comum». E manifestava-o sempre. Por todas as fórmulas. Por gestos mais do que por palavras, e por obras principalmente. Diziam-se dêsse horrendo brutamonte as coisas mais téticas e repugnantes. Acusavam-no de nunca ter gasto dinheiro, depois que se entregou ao seu duro e pouco invejável mistêr, em fatos ou calçado, nem para êle nem para a mulher. O cemitério era o seu caso de fornecimentos. Odiava as crianças. Seus olhos, pequenos, quasi sempre semi-cerrados, dilatavam-se, em circunferencia, quando, zangado, fitava os miúdos. As mãos enormes, compridas, ossudas, eram umas mãos como nunca vi outras. Pareciam tenazes gigantes cravando-se nos cadáveres. Os maxilares estavam em movimento constante, como se êle estivesse eternamente remoendo a propria bílis. Se abria a boca mostrava uma caverna sem fundo. Nas lutas com a rapaziada bravia levava sempre a melhor, porque a sua mão certa era de respeito. Sitio que marcasse com os seus olhos circunferenciados, era pedrada certa e segura. Não errava nunca. Um dia acertei-lhe com uma pedra na cabeça e fugi. Passaram-se meses. Uma tarde entrei no cemitério com outros rapazes acompanhando um miúdo da nossa idade que morrera. O Zé Gago viu-me e reconheceu-me logo. Eu já me não

lembrava da pedrada atrevida com que meses antes o havia mimoseado. Mas lembrava-se êle. E antes que eu tivesse tempo de me recordar e fugir, deitou-me a garra de gorilha aos fundilhos das calças e levando-me de barriga para baixo, esperneando e gritando como um possesso, foi até ao fundo do cemitério, do lado do norte, no último recanto, onde havia e ainda deve haver uma pequena casa de guardar as ossadas e as ferramentas, e atirou-me lá para dentro como quem atira fóra com um fardo inútil. Depois fechou a porta á chave e veio enterrar a criança. Valeu-me o homem



que nos acompanhava e que o obrigou, quasi á força, a abrir-me a porta e a pôr-me em liberdade. Nunca mais pude encarar de frente a avantezma hedionda e vampírica dêsse Zé Gago. Quando o via, e me lembrava da scena do cemitério, sentia dentro de mim uma revolta enorme.

Ora, sobranceira á moradia do coveiro, talvez com uma rampa de quinze ou vinte metros, ficava uma rua em começo que, partindo da velha Rua dos Ferreiros, quasi não tinha saída para o Caminho da Força senão por um despenhadeiro abrupto que só os rapazes podiam descer de socalco em socalco.

Depois da scena a que acima me refiro, e durante muitas semanas, era rara a tarde em que eu não ia, com todas as cautelas, até junto da ravina para gritar cá de cima um «E! Zé! Gago!» provocador e vingativo. E quando o pobre coveiro assumia ao buraco do casêbre, desabava-lhe em cima uma saraivada de pedras que eram então o meu consôlo e são hoje, na recordação destas linhas, o meu remorso...

Vale do Toiro chama Dom Tomás ao sitio onde em Mafra se encontra o cemitério novo, porque o velho foi, até 1833, na vila velha, ao redor da propria igreja. Vale do Toiro. A gente da minha terra chama-lhe de preferência *Malvar*. Nem de uma nem de outra designação consegui descobrir até hoje a origem, mas

(Conclui na pag. 15)

Os onze esqueletos misteriosos do Carmo

Como um enigma trágico do ano 1779, cujas vítimas só em 1919 foram encontradas num quartel de Lisboa, é decifrado em 1931 por um leitor do "Reporter X"

sencional para lá nos dirigimos. O nosso amigo guiou-nos até às traseiras do Quartel — e torturando um pouco a nossa paciência, alongou-se na narrativa preambular:

— Há coisa de um mês ordenou-se superiormente que fossem cavadas estas terras porque, segundo informações obtidas, existem, sob as actuais cavaliarias, vastos subterrâneos. Ora, como estamos muito apertados, resolveu-se desventrar esses subterrâneos, descarná-los da terra que os cerca e rasgar um caminho que lhes dê acesso e que permita a construção de novas cavaliarias...

«Começaram as obras — e poucos dias depois

picareta ferira uma face sólida e dura. Surpreendido ao princípio, enervou-se de impaciência e continuou febrilmente o trabalho, sem a menor precaução, e tanto assim que, ao conseguir libertar o obstáculo da terra que o enroupava e ao deparar-se-lhe um pilar largo como o cano de uma grande fábrica, já o ferro tinha aberto numa das faces um buraco respeitável. Alarmado, chamou os companheiros. Estes acudiram e um mais curioso ou mais ousado, espraiando, declarou: «Mas isto é óco!» Acenderam lâmparas — e outros olhares curiosos confirmaram a novidade. O pilar era de facto óco. E teriam ficado por aqui — quando um soldado que se acercava gritou:

— «Está gente lá dentro!»

«No primeiro momento houve uma debandada de pânico. Depois, encorajando-se, troçando uns dos outros, voltaram a fazer cerco ao pilar e um deles resolveu descobrir o que havia ali dentro. Pegou com energia na ferramenta e dez minutos depois rasgava um orifício de diâmetro suficiente para a entrada de um homem. Sabe você o que surgiu àquelas dezenas de olhares atônitos, pasmados, aterrorizados quasi?

surpresa, de atontamento quasi... Por aquela nova descoberta é que ninguém contava...

O SEGRÊDO DOS NOIVOS DA MORTE

«O segundo orifício deixava ver um outro esconso, exactamente igual, em proporções e forma, ao primeiro, com uma idêntica escada em caracol barrada pelo tecto, ou seja pelo soalho das cavaliarias superiores; e nos degraus, numa atitude de semelhante contorcionismo, um outro esqueleto existia. Era um esqueleto do sexo feminino. Del-lhe uns dezassete anos — e não devo estar em erro. E como sucedera ao esqueleto masculino, envolviam ainda este vestígios numerosos de toilette — uma toilette de seda preta, e uma mantilha da mesma cor... Quere vê-los?»

Acompanhámos, páidcs, nervosos, o nosso illustre cicerone; e comovidamente vimos o que ele nos narrara já. E terminado o exame, acrescentou:

— Como sabe, este quartel foi, durante séculos, convento — convento de frades. Os frades eram eximios ilusionistas neste género de prestidigitação: em esconderijos, passagens secretas, portas falsas, convento — paredes. Aquêlle pilar — é evidente — servia-lhes de cárcere oculto. Uns alcapões rasgados no soalho de qualquer dependência do convento, duas escadas de caracol e dois cubículos onde eles escondiam amigos perseguidos ou onde guardavam inimigos que lhes caissem às mãos. Estes dois esqueletos — já se vê — pertenceram a um moço e a uma jovem a quem eles quiseram castigar com a pior das mortes: enterrando-os vivos, deixando-os morrer à sede, à fome, pela asfixia e pelas trevas — que as trevas também matam. Quem seriam estes infelizes? Como se chamariam? Qual o seu crime? Amôr? Se foi de amôr o seu delito — saberiam, ao menos, na hora suprema da agonia, que morriam juntos, apenas separados por um palmo de pedra? Ou até esse pobre alívio lhes teria sido negado? Teriam morrido, cada um d'elles atormentado pela ignorância do destino do outro? Teria o seu destino ficado ignorado de toda a gente? Chegar-se-á um dia a arrancar desses esqueletos o seu doloroso segredo?»

Assim nos falou aquêlle nosso amigo, capitão médico da Guarda Republicana, cujo nome não queremos ocultar mais: o dr. da Costa Ferreira. Chegou demasiado tarde a revelação do segredo que tanto o interessava — porque só agora o conhecemos, e aquêlle infeliz amigo já há oito anos que buscou na morte a paz que na vida não encontrara...

A PAPELADA VELHA

O mistério dos esqueletos do Carmo fez uma curta época — abafado pelos acontecimentos políticos que se lhe seguiram. Publicámos ainda cinco

ou seis artigos sobre o assunto. Reproduzimos opiniões, deduções, ideias, paradoxos — mas nunca se chegou a fazer luz... E eis que, neste momento, e em consequência da reportagem sobre o mistério de Budapeste, alguém nos escreve dizendo que...

Mas, perdão. Vamos à carta. Prossigamos a sua transcrição: «Entre os papéis que herdei dos meus antepassados, uma pasta existe que pertenceu ao tio-avô de meu pai, na qual encontrei sempre motivos para deleitar o meu espírito. Contem essa pasta vários massos de cartas, recortes, envelopes, apontamentos divididos e metodizados, presos por uns laços de seda. Quando li nos jornais o caso dos esqueletos do Quartel do Carmo recordei ter lido fosse o que fosse e onde fosse que se ligava ou que



podia ligar-se ao assunto. Depois de ter vasculhado gavetas e folheado livros, lembrei-me da pasta do meu tio-avô paterno. Era lá que estava, de facto, uma carta que um amigo lhe dirigira, assinando «teu velho Caet» — e onde o velho Caetano dizia o que se segue: «Diz ao teu irmão Joaquim que se deixe de trabalhos e que não dê desgostos aos nossos. Ele não sabe quem é o fr. O. de J. (as iniciais são da carta). O pobre daquêlle que cair no seu desgraçado ou que ele vir que pôde prejudicá-lo. Nem Sua Magestade, o nosso senhor D. José, nem Deus Todo Poderoso o salva. Se aquêlas paredes e aquêlle chão do Carmo pudessem repetir o que têm escutado, que de gritos e de prantos! Nem os subterrâneos do Santo Ofício! O fr. O. de J. até aos superiores inspira tanto terror como se fosse Satanaz com sagradas vestes. Deus Nosso

Senhor me guarde que ele leia um dia o que te estou escrevendo. E sabes que o medo não é do meu sangue. O Joaquim que seja cauteloso, se não quere que lhe façam o mesmo do que à minha desventurada sobrinha Maria. A minha tia, a quem li a carta que me mandastes pelo Certã em resposta àquela onde te contava a desgraça da Maria, agradece muito a tua pena. Que a Virgem Santíssima a tenha em misericórdia.»

O FRADE MALDITO

O nosso correspondente descreve-nos com muito brilho o porquê das suas reminiscências, e mais adiante escreve: «Fiquei com tenção de procurar a carta a que o amigo do meu tio-avô se referia, deduzindo que nessa carta podia encontrar informação preciosa que explicasse este assunto, mas... a tal mandriça fez com que adiasse esse trabalho até me esquecer d'ele. Só agora, repito, depois do caso de Budapeste resolvi buscá-la e encontrê-la. Resumo: Maria de Sampaio Gouveia de Azevedo, da illustre família minhota daquêlle apelido, veio com a mãe, viuva, para Lisboa em 1777. Tinha quinze anos. Frequentavam certas casas afdalgadas e, pelo visto, a frescura da sua beleza em liôr atraía a cubija do misterioso Fr. O. de J., que não conseguia apurar quem seja, mas que, fácil é de concluir, pertencia ao Convento do Carmo. Há um ponto em que a carta do meu tio-avô é propositadamente confusa: no segredo de família que obrigou as duas senhoras, mãe e filha, a sujeitarem-se, covarde, servil, humildemente, como escravos à vontade do frade diabólico. Mas a menina resistia ás pretensões asquerosas do frade, entre outras razões porque um galã da vizinhança lhe conquistara o coração virgem. Quando a mãe de Maria regressou ao Minho, ia só. A filha fôra raptada pelo namôro (com ou sem o consentimento maternal, não sei, embora o narrador deixe perceber a primeira hipótese, como mal menor ao de entregar a filha à sensualidade brutal e feroz do frade); e ela, a mãe, fugiu, temendo as represálias. E tanto parece certo que a mãe estava conivente no rapto, que um dia de Maio de 1779 (dois anos depois da ida para Lisboa e quando Maria atingiu os 17 anos...) deixou de ter notícias da filha (o que quere dizer que as tivera até ali). Assustada, escreveu a um parente seu, de Lisbor, para que procurasse o galã, e esse parente respondeu-lhe três meses mais tarde dizendo-lhe: «Minha senhora prima D. Margarida Sampaio Gouveia de Azevedo: O sr. Maluenda já não habita o Poço Novo. A dona da casa, com quem falei, contou-me que na noite de 25 para 26 de Abril, ou seja de sábado para domingo, o sr. Maluenda veio buscar a sua desditosa e malfadada filha, pagou tôdas as contas e saiu com ela, sendo bem visível nos olhos de sua senhora filha as lágrimas que chorara e no parecer do desencomanhador de Maria as aflições que lhe iam na alma, que não eram de remorso mas outras que a dona da casa não soube explicar. Depois dessa noite é a pesar-de prometerem mandar alguém buscar as arcas com a roupa e haveres, que não eram muitos, nunca mais soube d'elles.»

«O nome de Maluenda não me soou a novo. Na minha estante de modesto curioso de coisas antigas existe uma colecção da «Gazeta de Lisboa». Os srs. redactores podem consultá-la também na Biblioteca de Lisboa. Vejam no n.º do dia 5 de Julho de 1779 um anúncio assinado pelo empresário teatral espanhol D. Fernando Maluenda em que «se fala no seu desaparecido irmão Alfonso Maluenda». Será esse Alfonso Maluenda o Maluenda raptor de D. Maria Sampaio Gouveia de Azevedo? Serão d'estes dois amantes os esqueletos encontrados há onze anos num pilar do Quartel do Carmo? Ter-se-á vingado o sinistro fr. O. de J., armando-lhes uma cilada e enterrando-os vivos? Creio que sim.»

PRISIONEIRO DO CONVENTO DO CARMO

Não termino ainda a curiosíssima carta do nosso anónimo correspondente:

(Conclui na pag. 15)



O PILAR DESENTERRADO

Era então o autor destas linhas reporter-aspirante em O Seculo — e dedicava o seu entusiasmo de neólito aos assuntos sensacionais da edição nocturna. Antes de abancarmos para escrever esta página — tivemos a curiosidade de folhear os dossiers onde arquivamos os melhores (que são muitos) dos artigos de mais categoria que publicámos até hoje. Lá estava... Vimos a data... Foi no mês de Março de 1919. Há perto de doze anos, pois...

Uma tarde em que a falta de assunto tornava silenciosa a redacção e mal encarados os redactores, um médico amigo, pertencente à Guarda Nacional Republicana — e que pouco depois se suicidou em África (escusamos de revelar o nome...), telefonou pedindo confidencialmente para que O Seculo mandasse alguém ao Quartel do Carmo. Calu-nos a sorte — e farejando um assunto

provava-se que a informação não era fantástica. Não só as paredes continuavam a uma profundidade de alguns metros — como V. está vendo — como cobriam espaçosas casas e como ainda dispunham de amplos pórticos que facilitavam a entrada e que portanto simplificavam a realização do projecto. Aumentou-se o número de homens que estavam trabalhando — e iniciou-se a limpeza das futuras cavaliarias, que estavam verdadeiramente entulhadas até mais de meio, em alguns sitios — e mesmo até ao tecto, noutros. Ontem de tarde, um dos homens que estavam desmorrinando os montes de entulho sentiu que a

O SEGRÊDO E O MARTÍRIO DE ANTONIO FOGAÇA

O PORTUGUÊS QUE FOI TORTURADO NA TÔRRE DE LONDRES

O «Reporter X» descobre, três séculos depois, numa exibição de aparelhos inquisitoriais, vestígios da trágica passagem do ministro de D. Sebastião por aquela fatídica torre... — Camilo Castelo Branco, Marck Petterson e Abrantes Lapas falam de Antonio Fogaça

LONDRES, em plena *Stand*... Três horas da tarde — ou antes, *da noite*. A noite começou hoje ao meio-dia — quando Lisboa se nimbava de ouro refulgente, no azul diáfano dos seus horizontes. Perdi a noção do tempo — deambulando nostálgicamente pela cidade. Súbito, estaco... E'



Vista da Torre de Londres, de fatídica memória, em cujas caves tantos desgraçados foram torturados, durante séculos...

de Alcantara ou da Rotunda do que da *Stand*, que é a artéria máxima, o «ex-libris» da capital britânica, quando a bicha em que eu, involuntariamente, ingressara me impeliu, com rítmica fleugma para a bilheteira... «Barato... — disse, ao pedirem-me 6 «pences» pela entrada... E mal supunha eu a valiosa surpresa que estava incluída naquêlo modesto preço.

UM PALAVRÃO PORTUGUÊS NO SÉCULO XVI... EM LONDRES

Erguida a cortina, a metamorfose do ambiente era fulminante. A sugestão do cenário — corredores baixos e estrangulados, de tecto abobadado; a humidade gélida; o bafo que se esguichava pelas frestas quadrículadas; as lanternas de luz agonizante e vermelha; a angustia do labirinto por onde nos ciceronavam, tudo nos fazia esquecer, instantaneamente, a rua imensa, ruidosa, serpenteada de «taxis» e «autobus», incendiada pelos mil brazidos eléctricos dos anúncios luminosos, que acabavamos de deixar... Mas o que era o espectáculo prometido? Apenas a reconstituição scenográfica, extática, visual, dos trágicos subterráneos da velha torre, onde várias dinastias reais fizeram padecer e desaparecer tôdas as vítimas dos seus ódios ou da sua política? Não Desembocámos, por fim, dos corredores e entramos nos recintos que servem de palco ao espectáculo prometido. Por momentos visionei, medido pelo *frisson* que senti no dorso, o que seria a angústia moral dos desgraçados que entraram durante séculos em semelhantes caves, sabendo que aquêles adereços macábricos, que eu contemplava, tranqüillamente, como visitante de museus, lhes eram destinados a quebrar os ossos, a estoirar-lhes os músculos, a rasgar lhes a carne...

A bicha enorme dos espectadores, (eram uns sessenta pelo menos) ficou instalada numa espécie de tribuna, construída frente a uma das paredes de... cartão. O recinto foi logo invadido pelo pessoal da casa, tôdos envergando guarda-roupa da mesma época — Henrique VIII —, juizes, escrivães, verdugos, frades e... prisioneiros. Para junto dos visitantes veio o *explicador*, e imediatamente os comparsas começaram ilustrando o que aquêlo nos narrava, numa teatral execução de suplicios para mais fácil esclarecimento da função dos múltiplos aparelhos: sarlhos de polé, torniquetes, e outros mimos da engenharia cruel da Torre de Londres. E quando, terminado o *grand-guignol*, os figurantes, artificialmente inquisitoriais e sorridentes como acrobatas, se erguiam das máquinas de tortura, e os espectadores, muito pálidos, tentavam serenar o coração emocionado pelo realismo da ficção, e os falsos carrascos anforavam os braços, à espera duma nova bicha, a 6 «pences» por cabeça, para repetirem as habilidades, o *explicador*, muito grave e solene, preveniu o público:

«Tôdos os aparelhos que os senhores aqui vêem pertencem às caves da Torre de Londres, como o sr. William Breck, autor dêsta reconstituição, o prova pelos documentos que expõe na sala por onde vão passar agora.»

E dizendo isto, abriu uma espécie de cancela que o separava da tribuna e ciceronou os visitan-

tes pelo recinto. Strandei, solitário, ao sabôr do meu capricho... Quantos gritos de dôr, quantas lágrimas, tragédias, injustiças, não tinham sido provocadas por aquela ferramenta da Maldade Humana? E com o espírito obcecado por esta ideia, curvei-me, apalpei, cheirei os ferros, os madeiros, as correntes, as roldanas, as polés, como se eles pudessem responder-me à minha pergunta... Não devia haver burla na afirmação do *explicador*, como aliás se provava nos documentos que depois examinei. A antiguidade do material era evidente. Mas eis que num cêpo que sustinha um «mazorro» para «estoirar braços» vejo, riscada, uma palavra que... Fixei-me melhor... Não havia dúvida!

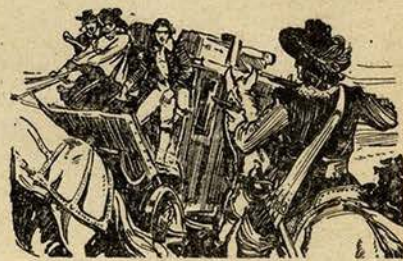
Naquêlo cêpo destinado a «aspar» as vítimas da Torre de Londres estava escrito ou melhor riscado com o bico dum prego ou algo semelhante, um vocábulo inconfundivelmente português, uma obscuidade, o mais lusitano e clássico dos palavras... E é pena não vos poder dizer qual. Mas os senhores adivinham-no pela certa...

Como e quem teria escrito aquêlo ressonantíssimo vocábulo? Um português? Um português prisioneiro da Torre de Londres, no século XVI ou XVII?...

O SEGRÊDO DAS MASMORRAS

Del logo por bem empregados os seis «pences», e pedi para falar ao empresário. Este foi gentilíssimo comigo e apresentou-me ao seu «consultor» erudito, o funcionário superior do «London Museum», Mr. Clark Petterson, que foi quem lhe proporcionou a compra do material em exhibição e quem lhe garantiu a sua autenticidade. Disse-me:

— Durante três annos, tôdos êsses aparelhos de tormento foram meus. Estudei-os atentamente, e se você os tivesse visto como eu os vi, teria encon-



Evocação do assalto aos «sete ministros da Rainha Isabel», chelidado pelo português Antonio Fogaça, tal como apparece no romance histórico «The Five Black Men», de Edward Stuber

trado muitas outras palavras riscadas pelo mesmo processo, nos cêpos, madeiros e traves. Os suplicios ficavam fechados horas inteiras, no recinto da tortura, antes e nos intervalos dos interrogatórios, para, contemplando aquella maquina, terem pouca vontade, depois, em negar as acusações que lhe faziam. Era uma habilidade dos juizes. Havia cor-

um agrupamento, o eterno, o ingénio, o papalvo agrupamento de Londres — frente a uma porta. Empoleirados num degrau de pedra — três homens, fregolizados numa fantasia carnavalesca, pregam, gesticulam e distribuem prospectos, como pantomineiros de feira. Dois dêles envergam o traje clássico dos guardiões da Torre de Londres, calções curtos e tufados, meias até ao alto da perna, vestes listradas de vermelho e negro, golas altas com bofes brancos, lanças muçulmanas nas mãos enluvadas de couro. O outro macaqueava um verdugo medieval, de mangas arregaçadas para que o «sangue das vítimas» não lhe jorrasse para a camisa; capuz enfiado até ao pescoço e esburacado na altura dos olhos. Encimando o portal, que tinha o n.º 81 (a), estava uma longa tira de pano, à laia de tabuleta improvisada com o reclamo ao espectáculo: «Os Mistérios da Torre de Londres» — «Reconstituição impressionante dos tormentos e torturas do tempo de Henrique VIII».

Os pregoeiros enrouqueciam a propagandear as emoções que nos aguardavam por detrás daquela cortina... Sorria-me eu, comentando, em pensamento, a papalvice do mais poderoso povo da Europa e do Mundo e a ingenuidade de certos espectáculos londrinos, mais dignos da antiga Feira

(a) *Stand*, 81, «The Old London Exhibition's», para que os portugueses que vão a Londres não deixem de visitar êste extravagante espectáculo. — N. do A.

(Conclui na pag. 15)

A evolução da máscara através dos tempos



As máscaras dos espadachins esgrímistas

pela qual se verifica
que a hipocrisia hu-
mana, tão velha como
o mundo, apenas se
transforma com as ci-
vilizações



Os negros do Sudão mascararam-se com estas máscaras para executarem as suas danças selvagens



A máscara nos sports. O «catcher» (apanhador) do jogo de baseball, sport nacional dos americanos



Disfarce usado pela Selta da Misericórdia, fazendo o pedido à porta duma igreja em Pisa (Italia)



Cirurgiões com máscaras para uma operação difícil

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

1.º — *E' mentira que as autoridades parisienses tivessem proibido a circulação do «Detective». Chiappe, Prefeito de Paris, no dia 18 de Janeiro ordenou (textual): Que não fôsse permitida a exhibição nos quiosques dos «boulevards» das capas inteiras do «Detective» quando elas reproduzissem fotografias que pudessem impressionar violentamente o público!*

2.º — *Quem fundou o «Detective», com 2/3 do capital (400.000 francos sobre 600.000 francos) foi o próprio Chiappe, Prefeito de Paris, como se pode provar vendo a escritura no «Journal Officiel» em 1 de Março de 1928.*

3.º — *Que Chiappe fundou o «Detective» como agente defensor da policia no espirito do público e por isso o «Detective» era o órgão oficial não só da policia como da Prefeitura.*

4.º — *Que aquela represália foi consequência de Kessel ter ganho o litigio existente entre os capitalistas — ficando o seu grupo, o grupo Kessel, adversário do grupo Chiappe, vencedor.*

5.º — *Que Chiappe fundou a seguir «Police Magazine», muito mais acentuadamente sangrento do que o «Detective», aparecendo o seu irmão, Jacques Chiappe, como administrador da nova revista.*

6.º — *Que estas revistas, longe de desmoralizarem, são consideradas pelo próprio Chiappe como um factor contra o crime; e que assassinos como o matador do ourives da Avenue Mozart, não só não as lêem como proibem as amantes de as lêem... Pelas mesmas razões que o tal jornal católico português evoca — o que não evita que ele, assassino, praticasse a repugnante proeza que praticou.*

7.º — *Que Diogo Alves, José do Telhado e outros facinoras não eram leitores do «Detective».*

E depois disto, que venham dizer que o Carnaval dura apenas três dias...

REPORTER X

A MULHER ENIGMÁTICA

Um enamorado inconveniente e as três personagens do camarote do «Sá da Bandeira» — O diplomata colecionador de quadros de pintura — Uma estrangeira estranha que prefere à côrte dos homens a amizade de mulheres — O drama ignorado do Monte Estoril — Um acto desesperado que ficou sempre envolvido em mistério — Uma sensacional noticia de «Le Soir» — Porto-Lisboa-Paris!

— Quem são os protagonistas da farsa ?

— ESTES senhores que fazem dos teatros o seu campo de manobras amorudas tornam-se incomodativos!... — comentei eu, irritado, para o architecto David Roda, figura conhecidíssima nos meios elegantes portuenses. — Logo por azar ficou um desses ridiculos exemplares na minha frente, que me não deixa ver o espectáculo.

Precisamente nessa occasião o meu vizinho da frente contorcionava o corpo, esgalgando o inconveniente pescôço para um camarote de primeira, entaipando-me, assim, a vista do palco. Ora este facto era bastante aborrecido para mim...

— E' o Armando Santos! — ciciou-me Roda, ao

vejado pela curiosidade de alguns «mirones», desfazia-se em amabilidades para a Condessa — mulher dos seus trinta anos, magestosa, estranha, dessas que sem serem modêlos de perfeição física possuem contudo um esquisito poder de sedução que prende e encanta os mais insensíveis.

Francesa?... Austriaca?... Alemã?... Mistério! Os seus olhos verdes, de suave ingenuidade, falavam-nos de tôdos êsses países, deixando entornar das pupilas um vago sabor internacional de pessoa cosmopolita que já tem viajado muito, que já tem vivido a intensidade de grandes centros de animação e prazer...

As luzes apagaram-se. Começava o segundo acto das *Rosas de Portugal*. Reocupel o meu «fauteuil», dispôsto já a descobrir o motivo da presença no Porto da Condessa.

No final da representação, ao sairmos do Sá da Bandeira, o architecto Roda, travando-me dum braço, disse-me para obstar a que a seguisse num «taxi»:

— E' escusado, meu caro!... Sei onde êles moram...

O *Trasmontano* é um restaurante nocturno, em Entre-Paredes, onde se reúne a tertulia intellectual do Porto. Foi aí, completamente alheados da algazarra jovial duma assistencia alegre, que, enquanto ceavamos, o meu companheiro detalhou, desfolhando o album da sua memória bem servida por um precioso espirito de observador:

— «Miss Esfinge» é o *sobriquet* por que ela ficou sendo conhecida, mal appareceu cá no burgo, há questão de dois meses... Rodeada de civilizador fausto, como uma grande senhora, escrava do luxo e da vida moderna, instalou-se, com o velhote, num discreto palacete, ali na Avenida da Boavista. A sua vida retirada, o seu aparecimento misterioso, a sua beleza estranha de perfil mais estranho ainda, depressa fôram notados por tôdo o Porto... E, fatalmente, a nossa mocidade doirada, certos jovens galãs bastante conhecidos nos meios elegantes, iniciaram logo um cerrado ataque de amor, experimentando velhos ardis *tenorianos*, assestando, em suma, as suas estafadas árias de amorosos contra a enigmática mulher... E ela resistia a tudo, superiormente, couraçada em indecifrável sorriso e electrizando-os, com a sua defesa, de maiores ansias ainda... Você compreende: cheirou a aventura galante com uma estrangeira disputadíssima e os nossos inofensivos rapazes são portugueses... Apesar-de embezzerrados com aquella resistencia inexplicavel, offensiva para os seus brios *donjuanescos*, êles contudo não desistiram, apertando ainda mais o cerco, metralhando-a de olhares sonhadores, grotêscos, exageradamente cómicos...

— E um dia, decorrida talvez uma semana, o Porto foi convulsionado por sensacional acontecimento, discutido nos «cafés», murmurado nos salões de festas, comentado nos cinémas, no teatro, em tôda a parte onde se juntavam dois homens — um despeitado e um indifferente... O banqueiro A. N. conseguira intercalar-se no palacete de «Miss Esfinge», acompanhando-a, e ao velhote, na via pública, passeando-a em triunfo, ostensivamente, como um objecto que lhe pudesse dar a celebridade, feliz por a mostrar aos seus amigos, aos seus conhecidos, que, via-se bem, o picavam de olhares invejosos... Todavia, ergueram-se vozes de júbilo, de delírio, porque o

facto era qualquer coisa de honroso para a dignidade dos portugueses...

«Qual, porém, não foi o espanto de tôdos quando na semana seguinte se viu que a substituir o banqueiro A. N. junto da problemática mulher se apresentava um jovem da melhor sociedade portuense — N. P., filho único dum importante vinicultor do norte... Embasbou-se de pasmo!

UM MILIONÁRIO DE REQUINTADO GÔSTO ARTÍSTICO OU UM VULGAR NEGOCIANTE DE OBRAS PRIMAS?...

«Depois — continuou o meu informador — a vida da misteriosa Condessa foi pacientemente dissecada pela opinião pública, que neste caso estava representada por meia dúzia de maduros desocupados. E soube-se então o seguinte: Ela é austriaca, natural de Viena — a cidade europeia que, segundo autorizados cronistas, tem as mais lindas mulheres do mundo. Que é Condessa e se chama Zoé Zuckmann, já você o sabia. O tal velhote, que, como uma sombra, a acompanha por tôda a parte é o pai dela... Alemão legitimo e antigo diplomata do «Kaiser». A mãe, ao que parece, era uma cantora lírica italiana por quem o Conde se



O Conde Zuckmann

ouvido. — Deve encontrar-se por aqui algures a «Miss Esfinge»...

— De que se trata? — interroguel, surpreendido com o romântico apôdo.

— Conto-lho, quando acabar o espectáculo...

No intervalo do primeiro para o segundo acto, obedecendo a um antigo hábito, passei o olhar pela sala, investigando o aspecto geral da assistencia... Depois, indifferente, desinteressado, olhei também o camarote que tanto preocupava o Armando Santos, o qual, agora, numa hipnose de sofreguidão, de olhares esgazeados, parecia querer tragar uma mulher que ali se via... Em volta havia risadinhas sarcásticas, murmúrios desconcertantes, comentários em surdina, cujo alvo, indubitavelmente, eram o meu vizinho da frente e aquella mulher do camarote. Julgando compreender, fixei-a também, binoculei-a escandalosamente, não conseguindo reter uma exclamação de surpresa.

— Mas aquella mulher é a Condessa Zoé Zuckmann!...

— Conhece-a?

Não respondi, tornando novamente a examiná-la, e reparei nos dois homens que a acompanhavam. Um dêles era um velhote, de respeitavel aspecto de múmia, com uma calva luzidia, rebrihante, e ostentando na lapela da casaca a rosêta da «Legião de Honra»; e o outro, rapaz ainda novo, trigueiro e simpático, com visíveis traços de português, constituía uma perfeita antítese com o primeiro. O velhote, numa espectacularidade um tanto teatral, talvez satisfeito por se sentir al-



A Condessa Zoé Zuckmann

apaixonara e que ao fim de dois anos de matrimónio pagou ao aristocrata a sua paixão com o plebeísmo duma fuga nos braços de qualquer tenor de mediocre valor... Desgostoso com a traição da esposa, o Conde Zuckmann abandonou a sua carreira, deixou Milão, onde então exercia um elevado cargo diplomático, e passou a viver para os seus novos amigos: a filha, ainda pequenina; as viagens e as colecções de quadros de pintura de autores célebres.

«Dizem que o velhote é milionário, mas eu incli-

(Conclui na pag. 14)

O TERROR DO SERTÃO BRASILEIRO

(Continuação da pag. 9)

viu à frente de um verdadeiro exército que o adorava. E sentindo-se com força, uma esperança iluminou a sua alma, uma ambição o obcecou neste momento: formar um Estado no sertão, um Estado enorme, independente, com as suas leis, as suas autoridades, a sua vida própria. Os seus assaltos passaram a tomar o aspecto de invasões militares. «Lampeão» chega a uma cidade, à frente do seu aguerrido exército, e lança tributos, como um guerreiro vencedor. Até onde irá este homem extraordinário, que uns amores infelizes obrigaram a revelar?!

Há dez anos que a sua situação ilegal e tumultuária se mantém. O Brasil começa a aperceber-se do perigo enorme que a sua existência representa para a unidade do país.

UMA AVENTURA PITORESCA

Enquanto as associações comerciais da Baía reclamam a cabeça de «Lampeão» — morto ou vivo — e pedem ao revolucionário Juarez Tavora que se coloque à frente de um exército que leve o bandoleiro de vengida; enquanto o governo federal, apreensivo, estuda a maneira de abater aquele que já é hoje um inimigo político — «Lampeão» prossegue na senda audaciosa das suas proezas.

A-pesar-de se encontrar ameaçado de cegueira absoluta, êle não descansa, irradia uma actividade extraordinária. A sua última façanha, que aliás não fez verter uma única gota de sangue, teve por teatro a cidade de Capela, onde «Lampeão» entrou sozinho, deixando acampado nos arredores o seu temível bando.

O homem que à frente de quarenta bandoleiros conseguiu derrotar durante dez anos o exército policial de cinco Estados provou mais uma vez a sua valentia, indo procurar o juiz de Direito, o padre e o prefeito de Capela. Obrigou-os a passear na sua companhia através das ruas da cidade. Muitos populares, reconhecendo-o, saudavam-no com simpatia e respeito.

Depois do passeio exigiu que o apresentassem às famílias mais respeitáveis, onde teve um acolhimento gentilíssimo.

«Cansado dessas incursões pelos ambientes familiares — conta o *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro —, «Lampeão» exigiu aos seus três cicerones que o levassem ao cinema. Aí os seus caprichos atingiram o extremo: mandou repetir as cenas que mais o impressionavam e ordenou a exibição da película de modo que as personagens apareces-

sem no *écran* de cabeça para baixo. Terminado o espectáculo, declarou ao prefeito que necessitava de cinco contos. E o prefeito fez um discurso, dando conta à assistência do tributo estabelecido por «Lampeão», findo o qual começou a arrecadar dos presentes o dinheiro que possuíam. Conseguiu 3.800\$00. «Lampeão» embolsou, sem contar, essa importância e depois de comunicar pelo telefone com o sr. Manuel Dantas (então governador do Estado), fazendo-lhe uma ameaça insultuosíssima, retirou-se tranqüilamente.»

Por este simples episódio podem os leitores avaliar até que ponto vai a audácia deste homem que, há dez anos, o Brasil tenta destronar em vão.

«LAMPEÃO», PRESIDENTE DE UM ESTADO

A última revolução brasileira, longe de ameaçar a força e o prestígio de «Lampeão», apenas os consolidaram. As circunstâncias tornaram-se-lhe mais favoráveis. Para evitar surpresas revolucionárias, o actual governo do Brasil mandou apreender as armas aos particulares em todo o país. Durante dois meses, patrulhas do exército percorreram todo o sertão baiano, arrancando aos sertanejos as armas que estes possuíam. Queria-se assim destruir os focos contra-revolucionários. Evidentemente que as patrulhas evitavam encontrar-se sequer com a gente de «Lampeão». E êste esfregava as mãos de contente. E' que o governo lhe estava prestando um serviço inestimável, pois lhe entregava desarmada toda a população de um Estado.

Impune, sem se defrontar com grandes obstáculos, «Lampeão» faz hoje o que quer dentro do Estado da Baía. E não é para admirar que um dia as agências telegráficas irradiem para todo o mundo esta notícia sensacional:

«Lampeão», à frente de um aguerrido exército de voluntários, acaba de proclamar a independência do Estado da Baía, nomeando-se êle proprio presidente da nova república sul-americana.»

Admiram-se? Já temos visto coisas mais assombrosas.

GUIDO RUIVO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

Gambetta! Mas eu disse mais — ao elucidar aquele chantagista sobre a razão porque o não considerava um profissional do jornalismo... Evoquei vários pseudo-jornalistas de várias cidades — gémeos no desaforo —, todos êles estatelados em roubos de carteiras. E terminava com a seguinte frase: «A culpa é de quem considera igualmente herói o bombeiro que arrisca a vida trepando a um quinto andar incendiado para salvar uma criança e o gatuno que trepa ao mesmo quinto andar para arrombar um cofre.»

O chantagista, que além de imoral é vaidoso, sentiu a chicotada estalar-lhe na face e pulou, epilético de raiva, porque estava quimicamente analisado por mim; e desde então não há calúnia que não invente nem injâmia que não cometa para se vingar. Responder-lhe nas colunas do meu jornal? Nunca, porque não travo polémicas com quem me escamoteia o relógio. Mandou-o prender e restituir o objecto roubado — o que é diferente! Ignoro as baboseiras que êle tem vomitado a meu respeito. Só há dias, um tipógrafo, saindo de uma dependência onde costuma haver muitos farrapos de papel, me trouxe um retalho desse pasquim em que eu era caluniosamente atacado. Quem fôr honesto, quem não fôr seu cúmplice, que peça ao 1.º Juízo licença para ler o processo evocado e verá textualmente o seguinte: 1.º — que o delicto que outro, e não eu, cometeu, data de 1927, e não de 1931; 2.º — que o acusador particular (o acusador e não o defensor) começou por declarar que ninguém podia duvidar da minha honradez e da honradez do meu semanário; que eu em nada intervi na preparação desse delicto e que o ignorava até. Isto é claro, é insofismável. Quem quiser ter a prova de que o chantagista é o último dos miseráveis, deturpando, falseando a verdade, para se vingar do desprezo com que lhe neguei o direito de ser jornalista — basta fazer o que lhe aconselho! Depois disto, sendo tão claro, tão evidente, tão fácil de provar o que afirmo — para quê incomodar-me e roubar espaço e atentar contra a paciência dos meus leitores? Não, meus amigos! Há, realmente, algo a fazer. No tribunal e na rua — mas em silêncio, discretamente. Mesmo no uso do *lâtes* o é preciso distinguir os cães.

Abraça-os, reconhecido, o

REPORTER X

Um aventureiro desmascarado

(Continuação da pag. 12)

um empréstimo obtido por um processo maquiavélico.

Este expediente é mais um dos indícios do carácter de Emilio Personne.

Tínhamos prometido escrever apenas mais um artigo sobre este cavalheiro de indústria. Cumprimos a promessa. Suspendemos por agora as nossas revelações. Reservar-nos-emos para a ocasião em que o *Reporter X* fôr aos tribunais. Aí diremos o resto, que ainda é muito, e que constituirá uma verdadeira surpresa para o sr. Personne.

Um amigo nosso, comentando há dias as aventuras deste homem, dizia-nos com um certo desdem:

— Isso é um caso de Polícia, de Polícia Internacional.

Talvez esse nosso amigo tenha razão, visto tratar-se de um estrangeiro que veio para este país burlar os portugueses; que se gaba de ter feito espionagem em favor dos alemães; que tem ostensivamente ao seu serviço um estrangeiro que já foi intimado a abandonar esse lugar; que já foi apanhado com arma de calibre ilegal e sem licença e que, possivelmente, nem a sua documentação tem em ordem.

MÁRIO DOMINGUES

A tragédia dos jejuadores

(Continuação da pag. 11)

partículas orgânicas que então se decompõem e se auto-intoxicam. Eis a razão porque muitos jejuadores, tomando apenas colheres de água, prolongam a vida: é a água que liberta o organismo dessas partículas tóxicas. Os históricos naufragos do *Medusa* morreram, ao cabo de 40 dias, não de fome mas sim de sede... Só nos 3 primeiros dias é que se sofre o suplício da fome. Depois, deixa-se de sentir a menor vontade de comer e o estômago contrai-se provocando dores. Passados cinco dias vêm as vertigens, a sede, os lábios secos e queimados. A seguir ficam como que narcotizados; e o segredo do heroísmo de alguns jejuadores voluntários oculta-se nessa espécie de inconsciência e de falta de apetite. Passada a quinzena, os médicos nada podem fazer visto que, mesmo que os jejuadores cedessem e se alimentassem, já não se salvavam porque o organismo está completamente arruinado. Quando o jejuador quebra a sua teima a tempo de se salvar — dar-lhe uma refeição abundante seria matá-lo. É com pequenas doses, embora frequentes, que o estômago se reeduca. Muitos são alimentados à força — por meio de clisteres, de sondas ou de injeções.

Os jejuadores dividem-se em três categorias: os doentes, os acidentais e os voluntários. Os primeiros pouco interessam. Casos como os da nossa «Santinha» de Fafe e este agora de Évora e o da Baviera são mistérios que, se não velam qualquer burla, não encontram explicação na ciência. Uma jovem alemã, observada pelo Dr. Weller, perdeu primeiro o gosto pelas comidas cozinhadas; ao cabo de dois anos enjoou-se dos alimentos crus e de 1921 a 1927, que se visse, não recebeu espécie alguma de alimento a não ser colheres de água. É possível? Os médicos juram que não; as testemunhas, mesmo materialistas, resignam-se à evidência... Vejamos os *acidentais*... Em 1675 — facto histórico —, quatro operários ficaram soterrados numa mina em Herstal (Bélgica) e, não comendo durante 25 dias, conseguiram salvar-se! Em 1906, por ocasião da horrenda catástrofe de Courrières, onde morreram 1.500 homens, salvaram-se treze mineiros que não se alimentavam havia 25 dias. Por sua vez os *voluntários* dividem-se também em três categorias: os profissionais, os exibicionistas ou místicos e os que jejuam em sinal de protesto contra uma injustiça de que eles se julgam vítimas.

Entre os primeiros registam-se casos de pasmosa resistência — e sem *truc* possível. A primeira pessoa que praticou este... *sport* foi, em 1880, o dr. Tauner, apostando que permaneceria 40 dias encaixotado, sem comer nem beber. Ganhou 125 mil francos da aposta e a celebridade. A partir de então os jejuadores profissionais multiplicam-se todos os dias. Suca, Merlati e Sacco fizeram prodígios, alcançando 50 dias de abstinência controlada. O segredo da maioria é a tensão nervosa que provocam, ocultando até pastilhas com essências excitantes. Ainda há poucos meses, estando o jejuador Nolly em exibição no *hall* do «Petit Journal» — um grupo de boémios que regressava, embriagado, a meio da madrugada, dos *cabarets* de Montmartre começou a mostrar-lhe gulseimas e peças de carne. O jejuador desesperou-se a tal ponto que, embora estivesse apenas no seu oitavo dia de jejum, quebrou os vidros do atúde e saiu, para agredir os cruéis graciosos. No mês de Agosto do ano passado dois professores célebres desafiaram-se, enterrando-se um deles, Sacco, em Cardiff e o outro, Billy, em Blackpool. Impassíveis, ambos fumavam sem repouso, no fundo das suas caixas. Billy, além do cigarro, exigiu um gramofone, que estava constantemente a tocar. Ao fim de 63 dias Billy desistiu — perdendo. Sacco ganhou — resistindo 65 dias. Mas o seu organismo ficou por tal modo abalado que morreu, há quatro meses, num hospital de Londres.

Entre os fanáticos de todas as regiões, abundam os jejuadores voluntários. A religião cristã pode apresentar Sôror Maria Genoveva, que, num con-

vento de Luxemburgo, esteve 37 dias em penitência de jejum absoluto, sem sofrer depois o menor achanço. A Índia abriga místicos como o *fakir* Dantghar, que só se extinguiu ao fim de três meses de jejum. Também são frequentes os condenados que protestam, jejuando. Um dos mais célebres foi o corso Viterbi, condenado à morte, que, jurando estar inocente se manteve sem alimento 20 dias, morrendo, por fim. E em 1831, um outro prês, Guillaume Graine, de Toulouse, resistiu 63 dias, quasi tantos como os do *record* de Sacco. O mais discutido dos jejuadores desta categoria é Mac-Sidney, «lord-maior» de Cork, indignado contra a violência do governo inglês que o prendera, recusou, heroicamente, todos os alimentos que lhe ofereciam, extinguindo-se, entre horribes agonias, ao cabo de 73 dias de fome, enquanto o povo, ajechado em redor da prisão, orava por ele e a Humanidade inteira protestava, indignada, contra Lloyd Geogel Madame Hannau, famosa burlesca da *Ga-selle du Franc*, também intentou um *jejum heróico*, a fim de conquistar a simpatia do público, mas apenas pôde resistir cinco dias.

O primeiro jejuador que contemplámos foi, há muitos anos, o pebre Papsuse, que um jejum mais prolongado fulminou, durante a guerra. Em 1916, se não estamos em erro, em Lisboa, exibiu-se, onde está hoje uma *garage* na Praça dos Restauradores, esquina da Calçada da Glória. Esteve 20 dias dentro de um frasco gigantesco, lacrado, selado, carimbado. Cá fóra, rondava-o uma senhora francesa, extraordinariamente formosa. Um tenório lisboeta, notando essa formosura, instalou-se na sala até altas horas da madrugada, sem a desfitar e procurando todos os pretextos para lhe dirigir galanteios; e Papsuse, enfrascado, girava como um pião, no auge do desespero, dentro do seu cárcere de cristal... E' que a dama francesa era... M.^{me} Papsuse, e, diga-se em seu abono, acabou por esbofetear o conquistador.

RAPARIGAS DESAPARECIDAS

(Continuação da pag. 11)

bancos, em Portugal, não pertencem apenas ao domínio da novela, ainda existem na realidade, percorrendo o país, de aldeia em aldeia. Os empresários do grupo que deu em Sezimbra os seus pittorescos espectáculos eram Elvira Pereira, a mulher que depois se queixou à Polícia da desapareição da filha, e seu marido Julio Dias, um velho de longas barbas apostólicas, que fazem lembrar o boneco que ilustra as latas do atum Tenório. A «estrela» daquela companhia minúscula, a que atraía os olhares cubiçosos dos rapazes atiradiços das pequenas terras da provincia, era Dolores Pereira, a pequena mulher inexperiente da vida, a despeito da existência errante que levava.

Os negócios não corriam muito bem, mas o engenho dos modestos artistas, que trabalhavam à noite para comer de dia, a pouca exigência dos espectadores e a mocidade esfuziante, mas prudente, de Dolores sempre atraíam curiosos e, trambolhão aqui, trambolhão acolá, lá iam vivendo.

Trabalhava também na «troupe» um homem que fóra admitido por esmola. Os pobres artistas, apesar de pobres, ainda encontravam na sua pobreza recursos para serem generosos. Evaristo Noronha, assim se chama o protegido, era pessoa simpática, bem falante e desembaraçada, tendo conquistado rapidamente a simpatia dos seus camaradas e protectores. No entanto, vinha precedido de má fama e tinha qualquer coisa de misterioso. Com o Evaristo começou a aparecer uma mulher de nome Ricardina Noronha, filha daquele, que imediatamente se tornou inseparável de Dolores, e sua conselheira.

De tal modo se insinuou no ânimo de Dolores Pereira, que esta passou a ver nela a sua melhor companhia. A família não gostava. A pequena até então mostrara-se sempre ajuizada, nunca tivera um simples namôro, a pesar das honrosas propostas que lhe tinham sido feitas. Afinal, quem eram a Ricardina e o Evaristo? A primeira, falsamente, inculcara-se como pessoa que disfrutava um bom emprêgo em Lisboa, embora nunca tivesse dito o género de mister que exercia, e de verdade só se sabia que era filha do Evaristo.

Nada mais se sabia.

O abandono do lar

No dia 4, era uma terça-feira, deram os pais da Dolores Pereira pelo desaparecimento desta e do Evaristo Noronha. Então, as suspeitas vagamente esboçadas avolumaram-se e, logicamente, veio a certeza de que só o Evaristo e a filha podiam ser os autores da proeza. Não foi o amor, decerto, que levou o Evaristo a fugir com a Dolores. Ele com 50 anos, para mais, ela só com 16 anos, seria uma ligação que forçaria bastante a lógica — se em anos ela pode existir.

O que a forçaria então a abandonar o lar e a seguir um desconhecido? Decerto as ofertas constantes que lhe eram feitas dum melhor futuro, que lhe pintavam com cores risonhas, e a que ela, franca na sua quasi ciancice, não soube resistir.

O Evaristo apontara-lhe o exemplo da filha e esta coadjuvara-o, insinuante, persistente, dia a dia, num verdadeiro trabalho de sapa a que a família da Dolores era completamente estranha.

E quem era o Evaristo? Useiro e vezeiro em negócios escuros, cadastrado, é um homem capaz de todas as baixezas que lhe rendam dinheiro. É qual era o magnífico emprego da Ricardina? O de uma vulgar tolerada numa casa suspeita da Rua do Arco do Bandeira. No dia 4 de Agosto, o mesmo em que a Dolores abandonara a casa da mãe, ia a Ricardina ao Governo Civil dar baixa da matrícula a que a Polícia obriga esta espécie de desgraçadas.

E qual foi o destino de Dolores Pereira?

Cuidado com os traficantes!

E' o agente Jaime Francisco que tem a seu cargo averiguar este caso. A sua argúcia e a sua boa vontade até hoje fóram impotentes para descobrir o paradeiro da desaparecida. Não é difícil, entretanto, calcular a triste vida que lhe está reservada. Vendida, como rês no matadouro, deve ter seguido o caminho de tantas outras.

Não devemos olvidar que no nosso país assentou arraiais, com agentes em Lisboa e Porto, e caixeiros viajantes por toda a provincia, uma verdadeira quadrilha internacional para o tráfico de brancas. O êco deste negocio miserável já chegou ao estrangeiro. O proprio *Detective*, de Paris, já o denunciou.

Quem sabe se a pobre Dolores não terá já caído nas garras aduncas dessa ignóbil gentinha?

Este triste caso vem demonstrar quão útil seria a criação de uma brigada especial de agentes para exterminar a repugnante organização dos *coftans*.

Para onde irão tantas raparigas que desaparecem?

COSTA JÚNIOR.

OS MELHORES



ALVAIADES

EM MASSA

AL CAPONE

(Continuação da pag. 6)

todos os outros teatros começarem a disputá-lo cubicosamente! E era o próprio «Colosimo's» que vinha espontânea e inesperadamente convidá-lo a trabalhar... Havia, pois, motivo para que Betty Henriques se emocionasse e envaidecer.

... Como ignorava a outra, a maior celebridade do cabaret de Chicago, o nosso compatriota entrou no «Colosimo's» sem outras preocupações do que as do seu trabalho. O seu êxito teve foros de grande acontecimento; ecoou no estrangeiro; chegou mesmo até Portugal (o que é mais inverosímil: inunda), publicando-se o seu retrato, em pose com a sua *partenaire*, nos nossos colegas *Notícias Ilustrado* e *A B C*. Habitualmente, os contratos de



A assinatura da carta em que o bailarino português Betty Henriques nos fala de Al Capone

casa duravam oito dias; o seu, logo na primeira noite, foi prolongado por duas semanas; mas antes que lhe terminasse o gerente rectificou-o, perpetuando-o... até que «uma das duas partes o rescindisse»... E já lá vão seis meses!

O «PATRÃO»

Logo na segunda noite revelou-se a Betty Henriques o grande segredo do «Colosimo's»; e Betty Henriques, após algumas horas de hipnose, em que parecia que os nervos pensavam e o cérebro palpitava, como se fossem nervos, aturrido, angustiado, medroso sob o peso de uma covardia que o seu masculinismo já mais conhecera, pensou em esfregar os alçórceres daquela torre de ouro e glória que começava a crescer e a grandá-lo para o sol, desprezar compromissos, desertar do *ring* da dança, abandonar Chicago — e até voltar para a monotonia e para a modéstia da sua primitiva existência em Portugal.

Pouco antes do seu número, espreitando a sala, notara uma comunhão geral entre o público que se coagulava nas salas. Fizera-se um silêncio que, irrompendo do *brouhaha* barulhento da folia, dava a impressão de um colapso geral. Uns, erguiam-se como soldados ante a aproximação do general; outros, contorciam-se para ver melhor; todos se agitavam, se afogavam, se enervavam — esforçando-se, paradoxalmente, por se manterem imóveis e silenciosos. Acabara de chegar ao *cabaret* um sujeito alto, forte, dum exagero muscular que, dando-lhe o falso aspecto de gordo, parecia estoirar-lhe a casaca; dum moreno lustroso, lábios carnosos, fixos num trejeito de sorriso eterno, bochechudo sem excesso caricatural, as sobrancelhas peludas, densas, desenhando quasi um só traço tão negro como se fôsse feito a carvão. Um fluido de domínio, de actividade, de energia, irradiava do seu olhar indiferente e de todos os seus gestos e atitudes. Cercavam-no cinco homens para quem o *smoking* era como que um uniforme; e simultaneamente a esta entrada — outras entradas se deram; outros homens de *smoking* — uns de aspecto suspeito, outros elegantes, apareceram, espalhando-se estrategicamente pelo *cabaret* e formando como que um cerco em redor da mesa ocupada pelo cavalheiro encasacado.

Palpitou logo Betty Henriques fôsse o que fôsse... Durante o seu número — o estranho cliente não o desfitou um só instante. Fimdo o trabalho — os aplausos das suas mãos zorradas papudas estalejavam, abafando a própria *claque*; e quando, já no camarim, o nosso compatriota procurava acalmar-se de aquele inexplicável nervosismo, o gerente veio buscá-lo... — «Venha depressa... O patrão quer conhecê-lo!» — «Qual patrão?» — «Ora... quem há-de ser! O nosso, o de todos, o dono desta casa e de Chicago... e da América. Al Capone!»

Só então Betty Henriques soube que estava trabalhando por conta do «Rei do Crime»; do homem misteriosamente, cruelmente, traficantemente dominador da imensa cidade e cujo nome — só o nome — enraivece uns e enche de terror outros. «Pois quê? Você não sabia?» — continuou o gerente. — «Colosimo's» é propriedade de Al Capone. E fiquem sabendo mais ainda. Foi aqui, neste *cabaret*, que nasceu, há seis anos, este grande folhetim de crimes e aventuras que emociona a Humanidade inteira. Foi aqui, no «Colosimo's» que Al Capone, simples membro da Sociedade Secreta Italiana de Chicago, se tornou em... Al Capone arquimilicário e ditador de todas as vidas, de todas as fortunas e até de toda a política de Chicago... Mas isso são contos largos... Depois lhe explicarei tudo. De momento é preciso ir falar ao «patrão», visto que o «patrão» lhe dá a honra de o querer conhecer!»

E Betty Henriques, acompanhado pelo gerente, dirigiu-se, como um sonâmbulo, para a mesa ocupada pelo «Rei do Crime».

REPORTER X

O HOMEM
que vivia na vala comum

(Continuação da pag. 7)

posição, falava dos «tempos em que era vivo», recordava episódios da vida passada, mas como se os estivesse vendo do Além. Uma frase que lhe era habitual: «Depois que morri...»

«Não sei porquê, veio-me à lembrança o Augusto Simões. Havia precisamente seis meses que ele falecera... Mas não, podia lá ser! Tratava-se com certeza de algum pobre louco, mendigo... Entretanto, perguntei ao taberneiro: — «E você sabe como se chama esse diabo?» — «Augusto — respondeu ele — E digo-lhe Augusto, por uma coincidência curiosa. E' que o meu caixeiro chama-se Augusto. E um dia, quando o doído ia a sair, por um simples acaso, chamei o meu caixeiro não sei para quê. O louco tornou atrás. «Então veio chama-se Augusto?» — perguntei-lhe admirado. Ele encolheu os ombros e abalando, porta fóra, respondeu-me: «Chamei-me Augusto na outra vida. Agora sou o morto.»

«Confesso que senti um arrepio na espinha ao escutar as palavras do taberneiro.

A TRÁGICA CONFIRMAÇÃO

«Poucos dias depois d'este episódio encontrei Irene na rua da Prata. Ela sempre julgou que eu ignorava os seus amôres com Alberto. Estive tentado a contar-lhe o que ouvira ao taberneiro. Mas uma força desconhecida impediu-mo. Ela, porém, é que me contou, ainda desvaída, que uma manhã, quando regressava a casa depois de ter feito umas compras na Praça da Figueira, ao entrar na escada esbarrara com um vulto, que a fizera soltar um grito de terror. E' que esse vulto, um maltrapilho, apesar de muito mais velho, da barba descuidada e dos olhos esgazeados que lhe alteravam em muito a expressão, parecia-se extraordinariamente com o marido.

«Sosseguei-a, dizendo-lhe que devia tratar-se de mera aparência, e que os mortos não regressam à vida. Ela concordava comigo; bem sabia que não podia ser o seu Augusto, coitado, tanto que se afastara não dando mostras de conhecê-la, mas que, no entanto, ficara muito impressionada. Se Irene tivesse escutado o que eu escutara na taberna junto do cemitério!

«A ideia de que Augusto Simões ainda vivia começou a obcecar-me. Se vivesse, de facto? E se

um dia descobrisse os amôres de Irene com Alberto, que prosseguiriam mais descarados do que nunca, com grande escândalo da vizinhança, pois o primo continuava a sua existência de inadrão, obrigando a amante a trabalhar para ele?

«Um dia, não podendo resistir mais à tentação, dirigi-me ao cemitério e procurei a vala comum. Tem um aspecto horrendo, como sabe. Do enorme coval exala-se um cheiro nauseante a cadáver, grandes moscardos ajeitam e pousam sobre a terra que mal cobre os corpos dos desherdados até na morte. Fui descendo os socacos profundos e, de súbito, mal emburrado numa serapilheira, face descoberta e batida pelo sol, a boca contorcida, os olhos esgazeados e vítreos, estava um homem. Era ele; transfigurado, sim, mas ele, bem ele. Era Augusto Simões. Fugi horrorizado, quasi doído. E quando pude raciocinar, compreendi que aquele homem devia ter vivido uns seis ou sete meses depois da sua morte oficial e que ali, na cova onde meses antes o lançaram vivo, e onde iria dormir todas as noites, devia ter falecido na véspera ou talvez nesse mesmo dia em que a curiosidade para lá me impelira. Porque não fóra eu procurá-lo uns dias antes? E, de resto, talvez o destino tivesse procedido com sabedoria. Quem sabe se ele, melhor da sua loucura, não teria procurado Irene e se o seu encontro com ela não lhe apressara a morte? Já lá vão mais de doze anos sobre este episódio e ainda sinto pavor ao recordá-lo. A partir do dia em que fiz esse achado macabro, Augusto nunca mais apareceu na taberna.»

Erguemo-nos do «café» e viemos até à rua. Sentiamos necessidade de ar e de luz. A' porta, ficámos ainda trocando impressões sobre a horrível história. Uma mendiga aproximou-se estendendo a mão descarnada. Demos-lhe esmola e quando ela se afastava, Vasco de Miranda, num ar aparvalhado, apontando-a, perguntou-me em voz sumida:

— Você sabe quem é aquela mulher?

— Não.

— E' a Irene. Sim, a mulher do Augusto Simões!...

IDÍLIO FERREIRA

Confidências de um cozinheiro célebre (Cont. da pag. 10)

doze talheres. O «menu» devia constar apenas de manjares inéditos, os melhores e os mais caros. Depois de muito reflectir, consegui uma lista de cerca de vinte novas criações e cada uma devia custar à roda de mil francos. Os pratos deviam ser uma maravilha. Todas as cabeças das peças servidas levariam brilhantes no lugar dos olhos, e o «champagne» jorraria de uma fonte. Orgulhoso da minha obra, apresentei o «menu» ricamente ornamentado ao milionário. Leu-o com prazer, felicitou-me com entusiasmo e, por fim, com grande surpresa minha, disse-me: «Muito bem. Dê-me uma duzia desses «menus», pagar-lhos-ei, bem como o trabalho que teve em inventar esta maravilha. Não preciso do jantar, bastam-me os «menus» que eu enviarei aos meus amigos da América para que eles saibam que formidáveis festas eu dou na Europa.»

O milionário era Rockefeller.

Reporte X Segundo o plano de remodelação dos seus serviços internos, o Reporter X resolveu suprimir temporariamente a sua Delegacia no Porto, que foi proficentemente chefiada pelo nosso querido amigo Fernando Cal, rogando a fineza aos seus leitores, assinantes e anunciantes de se dirigirem directamente à Redacção e Administração d'este semanário, em Lisboa, na Rua do Alecrim, 65, 1.º, onde se atendem todos os serviços que diziam anteriormente respeito àquela Delegacia.

O nosso camarada e amigo Fernando Cal, a quem o Reporter X está muito grato pelos relevantes serviços que lhe tem prestado, continua a ser na cidade do Porto o nosso correspondente literário.

NOVELA N.º 29

Quinta-feira, 10 de Setembro de 1931

A CAÇA
AO FANTASMA

SENSACIONALÍSSIMO
ORIGINAL INÉDITO DE REPORTER X
LEIAM
